

A CAMPANHA BRASILEIRA NO PARAGUAI A PARTIR DAS OBRAS DE RELATO DE ALFREDO TAUNAY E ARTUR JACEGUAI¹

THE BRAZILIAN CAMPAIGN IN PARAGUAY BASED ON THE NARRATIVE WORKS OF ALFREDO TAUNAY AND ARTUR JACEGUAI

Eduardo de Oliveira Bordinhon Filho²

Vitória Regina Spanghero³

Rebeca Aparecida Méga⁴

RESUMO

A Guerra do Paraguai foi o conflito mais letal ocorrido na América Latina. Tendo o então Império do Brasil por um de seus atores, o conflito contou com personagens por ora desconhecidos, mas que deixaram seus relatos pessoais do que presenciaram. Dentre eles estão os brasileiros Artur Silveira da Mota e Alfredo d'Escagnolle Taunay, autores canônicos cujas obras são objetos desta pesquisa. Ambas localizam-se no mesmo período temporal e revelam de maneira fidedigna os primeiros eventos da Guerra nas duas frentes de combate - a norte e a sul -, com foco na reação e na estratégia aliada frente às ameaças inimigas. Através de uma análise documental dos relatos em *A Retirada da Laguna* (1871), de Alfredo d'Escagnolle Taunay, e *Reminiscências da Guerra do Paraguai* (1982), de Artur Silveira da Mota, e pautado por estudiosos do conflito, como Doratioto (2002) e Gomes de Araújo (2011), essa pesquisa objetiva compreender a que ponto os interlocutores de ambas obras, sejam eles o autor e, principalmente, o leitor, influenciam no processo de compreensão histórica da Guerra do Paraguai.

Palavras-chave: Taunay; Jaceguai; Guerra do Paraguai.

¹ Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Formação de Oficiais Aviadores (CFOAv) da Academia da Força Aérea (AFA).

² Cadete Aviador do 4º Esquadrão (Turma Árion, 2024).

³ Profª. Dra. Vitória Regina Spanghero. Graduação em Letras com habilitação em Linguística, pela Universidade de São Paulo. Mestrado e Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Pós-doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo. E-mail: vitoriavrs@fab.mil.br.

⁴ 2º Ten QOCon Magistério Língua Portuguesa Superior. Especialista em Educação e Tecnologias. Mestre em Estudos de Literatura. Doutoranda em Estudos de Literatura e licenciada em Pedagogia. Academia da Força Aérea. E-mail: rebecamegaram@fab.mil.br.

ABSTRACT

The Paraguayan War was the deadliest conflict in Latin American history. With the Empire of Brazil as one of its main actors, the conflict featured characters who, although previously unknown, left personal accounts of what they witnessed. Among them are the Brazilians Artur Silveira da Mota and Alfredo d'Escagnolle Taunay, canonical authors whose works are the subject of this research. Both works are set in the same time period and faithfully reveal the early events of the war on both fronts - the northern and southern fronts - focusing on the allied reaction and strategy against enemy threats. Through a documentary analysis of the accounts in "A Retirada da Laguna" (1871) by Alfredo d'Escagnolle Taunay, and "Reminiscências da Guerra do Paraguai" (1982) by Artur Silveira da Mota, and guided by scholars of the conflict such as Doratioto (2002) and Gomes de Araújo (2011), this research aims to comprehend to what extent the interlocutors of both works, be they the author and, primarily, the reader, influence the process of historical comprehension of the Paraguayan War.

Keywords: Taunay; Jaceguai; The Paraguayan War.

INTRODUÇÃO

A Guerra do Paraguai, ou Guerra da Tríplice Aliança, foi o conflito de maior repercussão ocorrido em território sulamericano, quer quanto à mobilização e perda de homens, quer quanto aos aspectos políticos e financeiros (Doratioto, 2002, p. 17). Envolveu três países aliados - Brasil, Argentina e Uruguai - contra o Paraguai, de dezembro de 1864 a março de 1870 e, dentre seus inúmeros legados deixados à nação brasileira, não se pode deixar de citar a consolidação da identidade nacional, bem como a criação de alguns de seus primeiros heróis, como Osório e Duque de Caxias.

As primeiras informações sobre o desenrolar da Guerra chegavam à população de maneira concomitante aos acontecimentos, por meio dos jornais. Essas plataformas, desde a chegada da coroa portuguesa ao Brasil, passaram por diferentes fases de abordagem em relação ao governo, mas, à época do conflito, apoiavam D. Pedro II, ao que relata Carvalho Júnior (2019). Os periódicos clamavam o amor à pátria, apoiavam o voluntariado no combate e satirizavam os inimigos por meio de suas charges. No entanto, no que diz respeito à fidelidade dos fatos ocorridos, essas representações podem ser colocadas em voga:

Os diretores e donos das revistas cariocas estavam diretamente envolvidos com a política em nível municipal, provincial e nacional, o que se refletia na opinião sobre a guerra e seus desdobramentos. No comando criativo das revistas, estes homens publicaram suas opiniões, críticas e elogios a cada acontecimento relativo ao conflito, em comentários que iam além do cenário militar da Guerra (Amorim, 2022, p. 30).

As representações amplas e completas da Guerra do Paraguai surgem, efetivamente, no período pós-guerra através da escrita de relatos daqueles que estiveram na afronta ao inimigo. Nesse contexto, aparecem as primeiras obras literárias cujas palavras traziam ao público leitor fatos por ora desconhecidos e até mesmo impensados da realidade do combate. Já em 1874, *La retraite de Laguna*, de Alfredo Taunay, é publicado pela primeira vez na França. Suas linhas traziam o relato tenebroso da expedição brasileira que atuou no fronte norte da batalha, no território do atual estado do Mato Grosso do Sul. Mais tarde, em 1935, se dá a publicação das *Reminiscências da Guerra do Paraguai*, de Artur Jaceguai, obra essa que contém as principais observações de seu autor feitas no fronte sul de batalha. Sabe-se que, assim como as charges de jornais tinham suas peculiaridades na maneira como traziam a Guerra ao seu público alvo, as obras de relato também as possuem e, por vezes, suas características podem vir a distorcer os fatos históricos. Os principais responsáveis por isso podem ser pautados não somente como os autores dos textos, mas também pelos leitores, fato esse explicado pela teoria da Estética da Recepção. Dentre os inúmeros postulados advindos dessa ideia, de imediato, pode-se afirmar que o leitor durante o desenrolar do combate, é diferente daquele no período pós-guerra, de modo que o fator da recepção das obras influencia em grande escala a maneira pela qual o fato histórico é compreendido por aquele que as lê.

Portanto, objetivamos, especificamente, compreender de que forma os interlocutores das obras *A Retirada da Laguna* (1874) e *Reminiscências da Guerra do Paraguai* (1935) influenciam no processo de compreensão histórica da Guerra do Paraguai, com ênfase no paralelo com a teoria da Estética da Recepção. Além disso, será dada a ênfase na relação texto-contexto, a partir da diferença de experiências de um oficial do exército e outro da marinha, nas campanhas do Norte e do Sul do Paraguai. Além disso essa pesquisa vem analisar ambos relatos juntamente aos principais historiadores do evento, como Doratioto (2002) e Gomes de Araújo (2011).

Este trabalho justifica-se uma vez que as duas obras escolhidas são relatos de testemunhas oculares, oficiais que tomaram decisões as quais afetaram os eventos e tornaram as narrativas fontes autorizadas nesse diálogo literatura/história. Além disso, os dois textos se inserem na linha de pesquisa “Poder Militar”, no item “Literatura e História Militar”.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

As forças paraguaias foram as primeiras a lançarem ataques sobre o Brasil. Quando ainda não se tinha um devido acordo formal de mútua ajuda entre os aliados, o exército lopizta invade a

província do Mato Grosso a fim de alcançar a capital Cuiabá. Tendo realizado operações pregressas de espionagem em território brasileiro, segundo Doratioto (2002), o Paraguai, entre 22 e 24 de dezembro de 1864, inicia sua ofensiva em duas linhas de ataque: uma fluvial, para que se dominasse o forte Coimbra, e outra terrestre, cujo trajeto seria Concepción-BellaVista-Nioaque-Miranda-Coxim, palcos de relatos do autor pesquisado, Alfredo Taunay. Dada a avançada paraguaia sobre o Mato Grosso, o governo imperial trata de esboçar sua reação militar. Antes disso, quando ainda se encontrava em estado iminente de guerra, o militar mais graduado do Exército e senador pelo Partido Conservador, Marquês de Caxias, aumenta o recrutamento para o corpo de Voluntários da Pátria. Foram mobilizados, ao todo, 24 regimentos de cavalaria da Guarda Nacional, com 43522 homens, dos quais 29210 tomaram parte ativa na guerra, ficando os demais de reserva no Brasil (Doratioto, 2002, p. 113). De acordo com José Murilo de Carvalho, pela primeira vez na história, brasileiros de todos os quadrantes do país se encontraram e lutaram juntos pela mesma causa. Ainda segundo ele, muitos se alistaram pelo sentimento patriótico, haja vista a comoção nacional que era observada à época (Carvalho, apud De Araújo, 2011, p. 4). Vale ressaltar que o plano de Caxias é fundamental para a contextualização e entendimento da pesquisa. As forças dividiram-se em três frentes, dentro das quais os autores das obras em questão iriam situar-se. Lê-se em:

Seriam três as colunas invasoras: a primeira, de 25 mil homens, em ação combinada com a Marinha imperial entraria em território paraguaio pelo Passo da Pátria, no rio Paraná, quase confluência com o Paraguai; seus objetivos seriam anular a fortaleza de Humaitá e, em seguida, ocupar Assunção. A segunda coluna, de 10 mil soldados, agiria no Mato Grosso, em Miranda, protegendo a cavalaria e o gado aí existentes e distraindo a atenção do inimigo, para levá-lo a transferir tropas para o norte, facilitando o ataque a Humaitá. A terceira coluna, com outros 10 mil homens, organizados no Rio Grande do Sul, agiria no ponto mais próximo do Paraguai, em São Borja, para, ao mesmo tempo, impedir a concentração de tropas inimigas em Humaitá e evitar que se cortasse a retirada da força brasileira que atacaria pelo Passo da Pátria, caso esta ação malograsse (Doratioto, 2002, P. 118).



Figura 1 O Plano de Caxias

Fonte: Doratioto (2002).

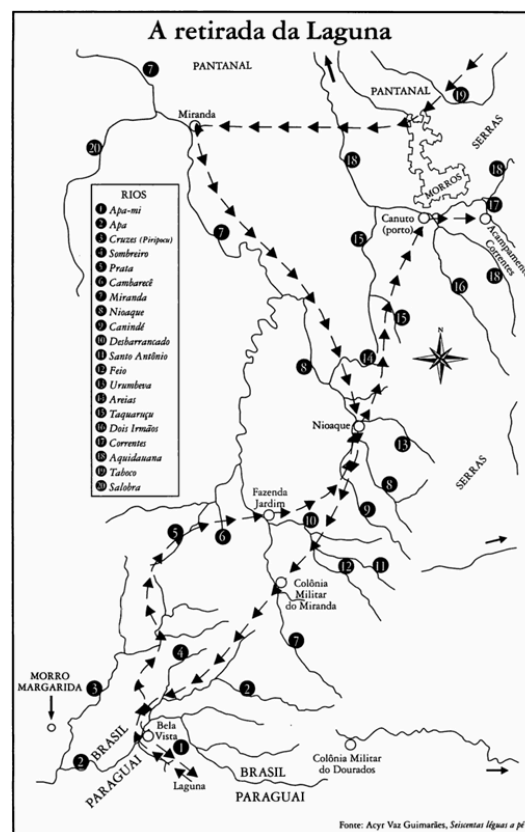


Figura 2 A Retirada da Laguna

Fonte: Doratioto (2002).

No contexto da retomada de Mato Grosso, a reação brasileira se trata do envio às pressas de uma expedição, que atinge o cenário de combate com cerca de apenas 1680 homens, além de mulheres, índios e comerciantes. Esses, carecendo de cavalaria, penetram o território paraguaio objetivando o forte Bela Vista (Doratioto, 2002, p. 126). Ali, ainda se podia notar certa superioridade paraguaia de forças, tanto em vista do conhecimento do terreno quanto das armas empregadas - da cavalaria, em principal. “Eles poderiam cair sobre nós e, aqueles robustos cavaleiros, muito bem montados, com seus pesados sabres facilmente dariam conta da nossa gente, mal montada e mal armada [...]” (Taunay, 2011, p. 67). Nesse contínuo cenário de precariedade de víveres, o comandante Camisão, ao saber da existência de gado na estância Laguna, decide avançar até lá. Após alguns dias de ocupação, esse comandante se vê sem recursos logísticos e militares para avançar até Concepción, além da presença já não tão distante das forças paraguaias (Doratioto, 2002, p. 127). A essa retirada, sob forte fogo paraguaio e demais infortúnios - principalmente doenças e terreno -, ficou conhecida a “Retirada da Laguna”. Seu autor informa: “Não tínhamos recurso algum. Não havia em todo o acampamento, uma só gota de bebida forte para reavivar o calor interno que nos abandonava; tampouco podíamos acender o fogo, nossa última esperança, sob

aquela tempestade” (De Araújo apud Taunay, 2012, p.82-83). Para concluir, registra-se o despreparo com que a expedição em particular foi enviada pelo governo imperial. Apesar disso, serviu para com a função inicial de distração das forças paraguaias, para que, então, a sul, se obtivesse êxito.

Já na frente principal de combate, que se dava pelas águas do Rio Paraná, o cenário era diferente. A invasão à cidade argentina de Corrientes levou à assinatura, em maio de 1865, do Tratado da Tríplice Aliança entre Brasil, Argentina e Uruguai. Conforme Doratioto (2002), o Conselho de Guerra constituído pelos generais Bartolomé Mitre, Justo José Urquiza, Venancio Flores, Manuel Luís Osório e o contra-almirante Tamandaré determinou que o objetivo seria convergir as forças ao forte de Humaitá, fortaleza paraguaia que possibilitava o controle da navegação fluvial e o caminho mais curto para se alcançar a capital Assunção. Ainda segundo esse autor, a concentração das forças aliadas seria em Corrientes e falava-se, também, em ações para desviar a atenção do inimigo em Mato Grosso e Candelária, mediante um exército “regularmente preparado”. Inicia-se, então, o chamado período diplomático da guerra, em que seria decidido o comando das forças aliadas. Grande impasse é criado a respeito do que seria o estado-maior das forças aliadas. Para pôr fim a esse impasse, Jaceguai descreve a presença do Imperador D. Pedro II como conciliador: “ Em tais condições, a solução da questão era melindrosíssima. O Imperador, porém, suscita-a com tanta inteligência e felicidade, que ela fica resolvida pelos próprios termos em que é formulada” (Mota, 1982, p. 69). Após o cerco em Paissandu e a Batalha de Riachuelo, as quais não cabe ressaltar devido a não participação do autor nas mesmas, é estabelecido o próximo passo para prosseguir até Humaitá: “ Resolvido, em suma, que a invasão se fizesse sob a proteção da Esquadra, pelo Passo da Pátria, esta seguiu rio acima até a confluência do Paraguai com o Paraná” (Mota, 1982, p. 77). Doratioto (2002) descreve um panorama geral dos conflitos a partir de então:

Desde o desembarque em Passo da Pátria até a ocupação aliada de Humaitá, distante vinte quilômetros, a guerra foi basicamente de posições, travada nos limites de confluência entre os rios Paraná e Paraguai e a linha de defesa construída por Solano López. Era uma realidade nova, pois até então se travaram, na Europa e no Rio da Prata, guerras rápidas, de movimento, com uso predominante de cavalaria e artilharia e batalhas campais decisivas (Doratioto, 2002, p. 195).

A seguir, tem-se o episódio da Batalha de Tuiuti: a batalha dos patronos das armas do Exército Brasileiro (Rosty, 2017, p. 11), que segundo Doratioto (2002), foi o maior conflito travado até então na América do Sul e rendeu saldos positivos aos aliados. Ao passo que essa batalha é considerada a maior vitória, Curupaiti foi o embate mais penoso aos aliados (De Araújo, 2012, p.

135). Do momento de Curupaiti em diante, os autores em destaque nesta pesquisa interrompem seus relatos e, portanto, o que se segue no conflito, seja da reestruturação das tropas aliadas até a morte de Solano López, não serão aqui enfatizados.

1.2 ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

A teoria da Estética da Recepção surge em meados da década de 60 do século passado de maneira a contrapor o que se tinha por mais difundido dentre as teorias literárias até então. Seus autores:

[...] criticavam principalmente as teorias do Formalismo Russo e do Marxismo, que privilegiavam a biografia - como se tudo fosse condicionado ao autor - e o texto tido como completo em seu significado, seja por sua estrutura, forma, estilo, efeitos, entre outros. Não havia a necessidade do receptor para qualificar, e sim sustentar a autonomia do texto, pois este era considerado pronto e completo (De Lima, 2019, p. 175).

Ainda pouco difundida entre os estudiosos brasileiros, a estética da recepção pontua que os textos literários recebem interpretações mediante a cultura do leitor (De Lima, 2019, p. 174), ou seja, os sentidos provocados pelas obras dependem de um contexto e são mutáveis de acordo com as circunstâncias de leitura (Mostaço, 2009, p. 64). Os principais expoentes dessa teoria - Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser - propuseram deslocar o eixo da discussão cultural, deixando de privilegiar o autor e seu universo para ressaltar o processo interativo que se estabelece entre a obra, o leitor e o fundo social circundante. Ou seja, as questões relativas aos sentidos provocados pela obra dependem sempre de um contexto e eles são mutáveis, em função das circunstâncias de leitura (Mostaço, 2009, p. 63). As sete teses de Jauss abordam, em paralelo, a estética e a história literária. Na primeira delas, o autor enfatiza a relação obra-leitor, responsável, verdadeiramente, pela história da literatura. Em continuação, a segunda tese versa sobre o conhecimento de vida prévio do leitor e a sua construção de sentido mediante ao que é lido. A terceira preza pelo caráter artístico da obra e seu distanciamento para com o leitor. Já na quarta tese, é abordada a relação obra-tempo, afirmando que os leitores futuros atualizam o significado do material produzido. A quinta e a sexta tese de Jauss, também no sentido do tempo, consideram a recepção da obra num espaço sincrônico e diacrônico e, dentro disso, as mudanças de percepções atribuídas ao texto. Por fim, a sétima tese, e última, conjuga a quinta e a sexta, considerando a presença dos dois espaços no tempo - sincrônico e diacrônico - em paralelo à vida social do leitor e as suas emoções para o sentido da obra literária, segundo De Lima e De Lima (2019).

Para que se conclua,

Cada época tratará uma obra referente às suas visões sociais e culturais, ganhando assim, sentido de acordo com a compreensão do texto que envolve expectativa e emoção do leitor ao construir um novo significado, até então não percebido sobre a obra, afinal, em cada época a obra recebe uma nova percepção, mediante a pergunta e a resposta sendo respondida e atualizada em base de cada período e público leitor. (De Lima, 2019, p. 178).

Dessa forma, fica claro que, sob a ótica da Estética da Recepção, os elementos **espaço temporal, visão cultural e experiência de vida do leitor** são basilares e, por conseguinte, indispensáveis para a análise de significado da obra literária.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa busca compreender de que forma os interlocutores das obras de relato *A Retirada da Laguna* (1874) e *Reminiscências da Guerra do Paraguai* (1935), sejam eles o autor e, principalmente, o leitor, influenciam no processo de compreensão histórica da Guerra do Paraguai.

A natureza da pesquisa é qualitativa (Gil, 2002) e descritiva, por analisar fundamentalmente artigos e documentos que evidenciam os momentos históricos retratados por Alfredo Taunay e Artur Jaceguai, autores dos relatos supracitados, além de analisar a teoria literária da estética da recepção. Também se caracteriza como indireta, por utilizar-se de informações, conhecimentos e dados coletados por meio de pesquisa bibliográfica.

Para o alcance do objetivo geral deste trabalho e de seus objetivos específicos, foram escolhidos autores relevantes no âmbito da historiografia e da literatura, como Francisco Doratioto e Hans Robert Jauss, respectivamente. Destaca-se que a escolha das obras de relato *A Retirada da Laguna* (1874) e *Reminiscências da Guerra do Paraguai* (1935) ocorreu justamente por terem se passado no mesmo período temporal e por se complementarem no que diz respeito à estratégia aliada de “pinça”⁵ empregada na Grande Guerra.

⁵ Assim foi apelidada a estratégia aliada por se constituir no avanço de frentes de combate tanto ao norte quanto ao sul do território paraguaio, de maneira concomitante.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 ALFREDO TAUNAY - VIDA

Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay nasceu em 1843 na província do Rio de Janeiro. Seu pai, Félix-Émile Taunay, era pintor e erudito de uma descendência de artistas franceses que vieram ao então Reino Unido de Portugal e Algarves a convite de D. João VI. Sua mãe, Gabriela d'Escragnolle, era filha do Conde e da Condessa d'Escragnolle ⁶. Alfredo teve contato com as artes desde cedo: ainda criança adquiriu conhecimentos musicais com o piano, aprendeu diversos idiomas - como o grego, o latim e o francês - e era leitor assíduo. Sua família o tutorava, sendo composta, no geral, por artistas e militares. Estudou até 1858 no Imperial Dom Pedro II, onde concluiu o curso de Humanidades com grau de bacharel em Letras. Ainda que expressasse o desejo de seguir a carreira médica, Alfredo fora bastante influenciado por seus familiares e, por fim, incutido a seguir a linhagem militar.

No ano seguinte ao fim do colegial, Taunay matriculou-se na Escola Militar e por lá permaneceu até 1861, quando se alistou no Exército, vindo a se tornar soldado do 4º batalhão de artilharia a pé. Em 1863, foi promovido a Alferes-aluno, com a intenção de terminar o curso de engenharia militar, que, na verdade, não foi alcançado. No dia 29 de julho do ano seguinte, veio a nomeação de segundo-tenente de artilharia do 4º Batalhão na província do Pará (Silva, 2019, p.13). Àquele tempo, a participação do Império na futura Guerra do Paraguai já era iminente e Alfredo toma parte em uma das primeiras expedições, justamente aquela que dará o arcabouço de conteúdo à *Retirada da Laguna* (1874).

Após sua volta ao Rio de Janeiro e repercussão de seus relatos, Taunay é novamente incorporado à campanha do Paraguai para exercer a função de secretário do então comandante-em-chefe das forças brasileiras, Conde D'Eu.

Findada a Grande Guerra, Alfredo retorna à capital, onde torna-se professor na Escola Militar. Em 1872, inicia sua carreira política como deputado pelo estado de Goiás.

No ano de 1874, vem a se casar com a filha dos Barões de Vassouras, Cristina Teixeira Leite, e, no ano seguinte, é promovido a Major. Contudo, em 1878, tende a se afastar da política depois que o partido conservador cai,

⁶ Durante todo o período de Brasil monárquico, a família Taunay esteve junto à família imperial em inúmeros eventos. Ademais, Félix foi amigo pessoal de Dom Pedro II.

optando por viajar para a Europa e por focar-se nos estudos das artes e da sociologia (Silva, 2021, p. 8).

Retorna ao Brasil anos mais tarde como deputado por Santa Catarina. Em 1885 pede baixa do serviço militar e três meses antes da Proclamação da República recebe o título de Visconde de Taunay. Como forma de demonstrar sua fidelidade à coroa, abandona a carreira política após a instauração do novo governo federal e passa a se dedicar inteiramente às artes.

Embora se esforce pela restauração da monarquia, Taunay trava uma luta a longo prazo com a diabetes, o que acaba por incapacitá-lo de realizar novos duelos políticos. Por fim, ainda que venha a falecer no ano de 1899 por conta da doença mencionada, tem seu nome eternizado na cadeira de número 13 da Academia Brasileira de Letras, no IHGB, em peças teatrais e em fartas obras literárias que compõem o caráter de um literato sertanista e de plenos atributos memorialistas (Silva, 2021, p. 9).

3.2 ALFREDO TAUNAY - ANÁLISE DA OBRA

Com o início da Guerra contra o Paraguai, Taunay foi incorporado a uma comissão de seis engenheiros para realizar operações na província do Mato Grosso, já invadida pelos paraguaios. Partindo do Rio de Janeiro, uma coluna “embrionária” segue para o interior do País, realizando passagens por diversas cidades, dentre elas Campinas, Uberaba e Cuiabá, onde se consegue recrutar ainda mais combatentes.

Em 20 de dezembro de 1865, o Corpo Expedicionário partiu em direção ao sul de Mato Grosso. Agora composta por 2.203 combatentes (acompanhados por outras 1.300 pessoas, entre mulheres e crianças, carreteiros, bagageiros e comerciantes) a tropa recebeu uma nova denominação, “Forças em Operação ao Sul da Província de Mato Grosso” (Marchesin, 2011, p. 66).

A imprensa brasileira, carecendo de fontes de informação daquele conflito, vê, nessa expedição, uma oportunidade de aumentar o interesse do público em relação à guerra. A revista *Semana Ilustrada*, então, firma um acordo com Alfredo Taunay. Ele manteve contato com a revista durante sua trajetória pelo sertão mato-grossense, resultando em uma série de cartas publicadas pela revista de maneira anônima, ou assinadas sob as iniciais: “T. d’E. A” (Amorim, 2022, p. 44). Além dessa função, Taunay acumulava também a de registrar um diário de campanha, sob o mando do então Ministro da Guerra, Visconde de Camamu.

Esse acumulado de notas resultou, posteriormente, n’*A Retirada da Laguna*, publicada pela primeira vez em 1871 na língua francesa e sendo traduzida em 1874 para o português por

Salvador de Mendonça. A obra se inicia na já citada marcha do Rio de Janeiro ao Mato Grosso e tem seu término no sangrento episódio que dá seu nome - A Retirada da Laguna.

Numa análise criteriosa da obra, pode-se ressaltar alguns pontos marcantes. Em primeiro plano, Taunay traz em suas alíneas a extrema precariedade de víveres da tropa, que, já na marcha prévia ao efetivo combate, sofre dezenas de baixas por doenças. As hostilidades oferecidas pela “Sibéria Tropical”, apelido dado à região compreendida pela fronteira entre Brasil e Paraguai devido à extrema hostilidade do terreno, são também relatadas:

Não tem boa água, pois que a do rio Miranda está sempre turva e lodosa; demais, a disposição do terreno não oferecia nenhuma das condições militares a que se poderiam, em rigor, sacrificar as considerações da higiene. De fato, ao longo de um rio navegável por barcas, estende-se uma margem uniformemente baixa, à qual caminhos abertos tiram toda a segurança (Taunay, 2011, p. 38).

A esses desafios os paraguaios aliavam suas estratégias e o conhecimento do terreno para que fossem efetivados penosos ataques aos brasileiros. Ademais, é também possível constatar as dificuldades logísticas enfrentadas por aquela expedição enviada às pressas e sem o devido planejamento. A carência de materiais e de alimentos é relatada de maneira clara por Taunay, bem como os reflexos disso à tropa como um todo:

Morríamos de frio, estávamos em jejum, e só tivemos fogo a muito custo, por volta de meia-noite, à força de juntar lenha verde que ardia quase sem chama. (...) O carneador mal tinha tempo de cortar o animal, era quase necessário cortar os quartos das mãos dos soldados, para levá-los ao lugar da distribuição. Os restos, as vísceras, o próprio couro, tudo era retalhado ali mesmo e logo devorado, mal assado ou cozido: repugnante comida, da qual não podia deixar de gerar-se alguma epidemia (Taunay, 2011, p.114).

Nesse contexto, Gomes de Araújo (2012) afirma, a respeito de Taunay, que ele não culpou o governo imperial pelo descaso com que tratou as forças do norte, mas que as grandes baixas poderiam ser evitadas com maior apoio e comando de guerra eficiente. O relato tem seu fim nas tristes linhas que relatam, dentre outras inúmeras penúrias, o abandono de dezenas de combatentes brasileiros que se encontravam doentes e, portanto, incapazes de continuar naquela dura marcha de retorno ao território brasileiro.

Logo no seu retorno ao Rio de Janeiro, Taunay resume todos os seus extratos num artigo a pedido do Senador Pompeu, que assim os achou “digno da pena de um Plutarco”. Nota-se já a influência do quesito espaço temporal para a assimilação de significado trazida pela obra: ela é divulgada pela primeira vez a pouco mais de um ano após o término oficial da Grande Guerra,

quando as informações ainda eram poucas e os leitores, portanto, viam-se desprovidos de fontes de informação completas acerca do conflito. Aliada à insistência de seu pai e ao patrocínio do próprio Imperador, Alfredo finalmente revela a versão final de seu relato cuja dedicatória inflamada a D. Pedro II e elaborada, na verdade, por Félix Taunay engrandecia a figura real a despeito de todo sangue derramado:

[...] Vossa Majestade inaugurou na América do Sul, com a tomada de Uruguaiana, a guerra humanitária, a que poupa e salva os prisioneiros, a que trata dos feridos inimigos de par com os nacionais, a que, considerando a efusão do sangue humano como deplorável extremidade, apenas impõe aos povos os sacrifícios indispensáveis para a consolidação da paz. [...] Esse reflexo de um grande ato de iniciativa soberana é a mais bela recordação que nos é dado invocar entre companheiros de armas: tenho a honra de prestar por isso homenagem à Vossa Majestade [...] (Taunay, 2011, p. 29).

Observa-se, desde já, que a sociedade à época carecia de fontes de informação a respeito dos conflitos da Grande Guerra, o que pode ser notado pela tamanha insistência de diversas pessoas próximas ao círculo social de Taunay, constituído pela côrte brasileira, para que esse posse à pena seus relatos de maneira oficial: “Já se sabe, o jornalismo não lhe deu a menor importância. Das pessoas a quem ofereci exemplares, o único que me falou com algum calor, mostrando interesse pela publicação das outras partes foi o Conde D’Eu [...]” (Taunay, 2005, p. 403). A visão cultural e a experiência de vida desse leitor nobre, portanto, são de quem foi parte ativa nos combates, seja *in loco* ou através de participações políticas. A coroa, então, via na obra de Taunay uma forma de legitimar suas iniciativas no decorrer dos combates há pouco terminados⁷. O autor destaca a honradez e bravura do combatente brasileiro a despeito de todas as intempéries enfrentadas e condena o inimigo paraguaio a uma visão negativa, conforme lê-se, por exemplo, numas das tentativas de negociação do cessar fogo, rejeitada pelos paraguaios:

Ao comandante da expedição brasileira:
Os oficiais das tropas paraguaias estão sempre prontos para todas as comunicações que lhes quiserem fazer; mas, no estado de guerra declarada, qual existe entre o Império e a República, só com a espada em punho podemos tratar convosco [...] (Taunay, 2011, p. 69).

Tudo isso, aliado à dedicatória endossadora ao Imperador já descrita acima, revela uma obra parcial e que foi ao encontro do que era esperado pelos seus leitores, constituídos, àquela

⁷ Doratioto (2002) afirma que D. Pedro II estaria disposto a levar a guerra até a última batalha, ameaçando até mesmo abdicar de seu trono caso sua vontade não fosse acatada.

época, pela nobreza brasileira. Esse fato se fortalece pelo caráter romântico da escrita de Taunay, cujas bases foram forjadas por raízes familiares artísticas e pela sua própria formação profissional (ambas explicitadas ao início deste tópico). Portanto, tendo em vista a influência do autor em sua escrita e pautado pela tríade espaço temporal, visão cultural e experiência de vida do leitor, advinda da Estética da Recepção, *A Retirada da Laguna* revela uma Guerra do Paraguai extremamente penosa aos combatentes brasileiros, mas ao mesmo tempo destaca o heroísmo e a legitimidade de seu acontecimento.

3.3 ARTUR JACEGUAÍ - VIDA

Artur Silveira da Mota nasceu em 26 de maio de 1843, na cidade de São Paulo. Seu pai era o Dr. José Inácio Siqueira da Mota, então senador pela Província de Goiás. Aos 14 anos de idade mudou-se para o Rio de Janeiro, onde entrou para o Colégio Vitória. A 4 de março de 1858, matriculou-se na Escola Naval e lá obteve diversos destaques, sendo um dos primeiros colocados de sua turma. Concluiu o curso a 30 de novembro de 1860 e, desde então, é descrito como alguém realmente vocacionado e determinado a seguir a carreira do mar, ainda que não fosse o mesmo desejo de sua família:

[...] quis-lhe o pai que ele trocasse a vida do mar pela do exército. Para esse fim foi entender-se com o ministro da guerra, conselheiro rego Barros, que com a melhor vontade tratou de facilitar-lhe a passagem para o exército. Semelhante ideia, porém, encontrou toda a resistência da parte do jovem guarda-marinha, que não pôde nem queria romper com a sua vocação. Foram inúteis os esforços paternos para afastá-lo da ideia e vão os seus argumentos para fazê-lo perder o grande amor que já guardava no coração pela carreira do mar (Tavares, 2011, p. 10).

Jaceguai é promovido ao posto de 1º Tenente no ano de 1865 e, de imediato, seguiu para a esquadra que se concentrava no rio da Prata para iniciar as operações contra o Paraguai. É nomeado pelo Vice-Almirante Visconde de Tamandaré como seu secretário e ajudante de ordens. Mais tarde, após grande sucesso nessa função, é nomeado comandante do encouraçado Barroso, quando também acumulou diversos êxitos.

Findada a campanha do Paraguai, Jaceguai tinha 26 anos e já era Capitão-de-mar-e-guerra. Foi nomeado comandante do Niterói, o maior navio brasileiro à época. Grande estudioso das questões navais, teve participação ativa em diversos eventos de grande relevância no cenário da Marinha Brasileira, como a mudança de sistemas de armamento, estudos

de marinhas européias e foi enviado especial em missão à China. Em 1882 foi promovido a Chefe-de-esquadra (equivalente a Vice-Almirante) e recebeu o título de Barão de Jaceguai.

Em 1887, é reformado, mas não abandona por completo sua carreira. Em 1897, foi nomeado diretor da Biblioteca da Marinha, Museu e Arquivo e em 1900 tornou-se Diretor da Escola Naval. Em 1907, passa a ocupar a cadeira 6 da Academia Brasileira de Letras, na sucessão de Teixeira de Melo. Em fevereiro de 1911, é diagnosticado com arteriosclerose, pedindo, definitivamente, baixa da vida pública. Viveu mais três anos no Rio de Janeiro, onde faleceu em 6 de junho de 1914.

3.4 ARTUR JACEGUAI - ANÁLISE DA OBRA

Logo ao ser promovido ao posto de 1º Tenente no ano de 1865, Jaceguai seguiu para a esquadra que se concentrava no rio da Prata para iniciar as operações contra o Paraguai. É nomeado pelo Vice-Almirante Visconde de Tamandaré como seu secretário e ajudante de ordens, fato esse que lhe rendeu posição extremamente privilegiada, tanto do ponto de vista de compreensão da Guerra, quanto de proximidade das grandes autoridades da época. Algumas dessas, por vezes, já reconheciam naquele homem uma figura de competência profissional e teciam severos elogios à pessoa de Jaceguai, a exemplo do Senador Francisco Otaviano, famoso personagem da política nacional da época:

Não me pasmava que esse moço tivesse bravura e lealdade, que são qualidades mesmo da nobre profissão do homem do mar. Não me admirava que ele, tão verde de anos (não contava mais de 20 anos), quando os outros procuravam divertir-se, procurasse estudar todos os ramos científicos, que hoje são necessários ao oficial de marinha comandante de um navio, e muito mais para quem, confiando em si, já se preparava para as posições superiores da esquadra (Tavares, 2011, p. 12).

Suas reminiscências tratam de fatos marcantes do início do conflito até 1867, etapa em que esteve à frente da esquadra o Almirante Tamandaré. Iniciam tratando do chamado período diplomático da guerra, marcado pelo melindre da designação de um comandante geral das tropas aliadas, afinal nenhum general queria ver-se inferior ao outro. A seguir, o autor trata do desenrolar estratégico daquela força e seus objetivos: o desembarque no Passo da Pátria, visando estabelecer boa posição para, num futuro próximo, realizar-se a derrubada do forte de Humaitá, grande ponto de defesa do inimigo. Esse período foi marcado pela inércia com que se fazia o avanço aliado e para alguns estudiosos da Guerra do Paraguai, como Salles (1990), era um sinal de incompetência no

comando, covardia e prevalência de interesses comerciais daqueles que lucravam com a Guerra. É interessante notar o âmbito psicológico dos relatos de Jaceguai, que registrava um ponto de vista atento e preocupado com as pessoas envolvidas naquele cenário, conforme lê-se em:

O que é certo é que a imobilidade prolongada da esquadra em um trecho do rio, afetava perniciosamente o moral e o físico de suas guarnições, tanto mais quanto grande parte destas já vinha experimentada, desde o princípio da campanha, pelas enfadonhas estações de bloqueio ao longo do Paraná. O que produz o cansaço na guerra, não são as marchas, as manobras e os combates, é a monotonia de uma parada indefinida em presença do inimigo, a mesma cena, os mesmos deveres, os mesmos perigos todos os dias, acabando por atrofiar a fibra emocional pela qual se mantém os homens de guerra lestos e fortes (Mota, 1982, p. 105).

As grandes vitórias, como na Batalha do Tuiuti, e as grandes derrotas, como a Batalha de Curupaiti, são também descritas pelo autor e essa, por sua vez, marca o ponto de término de seus relatos. O restante da obra versa sobre considerações políticas e estratégicas a partir do ponto de vista de Jaceguai, destacando o lado “técnico” da Guerra - do cotidiano bélico à coadjuvância da natureza - conforme se passa em:

A prática de operações navais em um rio estreito e tortuoso fornece-nos os preciosos ensinamentos que passo a salientar. As fortificações de barrancas elevadas dominando inflexões bruscas de canais navegáveis são irredutíveis ao ataque mesmo de navios invulneráveis aos projéteis da artilharia inimiga. As vantagens de alcance, precisão de tiro e poder destruidor da artilharia da esquadra atacante, nulificam-se: as duas primeiras por causa das sinuosidades do rio que não permitem utilizá-la diretamente de grandes distâncias, e a terceira, porque todo o dano causado contra parapeitos de terra em posição a cavaleiro é facilmente reparado durante as noites (Jaceguai, 2011, p. 175).

Além desse, o lado emocional - da realidade de doenças às demais mazelas vividas pela esquadra - é também observado de maneira recorrente:

O grosso das forças inimigas que invadiram Corrientes não foi menos devastado pela epidemia da desintéria e da lepra que nelas se desenvolveu de modo assombroso, devido ao abuso de alimentação de carne verde a que o soldado paraguaio não estava habituado e à privação de vestuário e abrigo a que López queria acostumar as suas tropas na previsão de uma campanha prolongada (Jaceguai, 2011, p. 172).

Termina no que pode ser considerado o maior alvo de suas opiniões, tecendo fortes críticas à cadeia de comando aliada, composta de generais de caráter “frouxo”, cujos métodos de

combate eram um tanto quanto arcaicos e que careciam de uma unidade de comando efetiva, e sinaliza uma opinião desfavorável à presença de estrangeiros no comando bélico. Para Jaceguai, muitas interpretações equivocadas do cenário de combate foram realizadas por esses comandantes: “A maior desgraça que pode acontecer a uma nação tem a de achar-se envolvida em uma guerra sem ter generais capazes a quem confiar o comando de seus exércitos e esquadras” (Jaceguai, 2011, p. 158). Complementa-se em:

Em minha humilde opinião, se a guerra do paraguai fosse algum dia estudada por um profissional da competência de um Clausewitz ou de um Jomini, o veredicto desse profissional, quanto à direção geral da guerra, seria: que, por parte dos paraguaios foi sacrificado um exército admirável de coragem e preparo e que seria invencível, dadas as condições naturais do país só dele conhecidas, pela inércia e incapacidade militar de López; e quanto aos aliados, os generais adstringiram-se aos métodos da guerra antiga, que imprimiram às operações, dirigidas com caráter tanto mais frouxo quanto para isto já concorriam várias circunstâncias poderosas, tais como: a exígua força numérica dos exércitos permanentes que serviram de nó à formação súbita dos exércitos com que se apresentaram em campos aliados; as prevenções entre os mesmos aliados e a falta de unidade do comando, apesar de disposto no Tratado de Aliança (Jaceguai, 2011, p. 185).

As *Reminiscências da Guerra do Paraguai* foram inicialmente publicadas na década de 1910 - cerca de 30 anos após o término do conflito - nas páginas do Jornal do Comércio da capital, e saíram na forma de livro apenas em 1935 (Moreira, 2019, p. 151). É importante ressaltar que, nesse período, o País, ainda que vencedor, sentia consequências amargas da Guerra, a exemplo do esgotamento das finanças públicas e da aceleração do endividamento com os bancos ingleses, ao que diz De Araújo (2012), e isso refletia diretamente na população civil. Da mesma maneira, é válido pontuar que a sociedade vivia uma ruptura da situação política no País, agora uma república administrada por políticos com pouca ou nenhuma relação com a antiga nobreza brasileira. Segundo Moreira (2019), os relatos de Jaceguai foram provavelmente escritos pouco antes da proclamação da república. À vista disso, a fluidez temporal provocou no autor certa discordância quanto à necessidade da Guerra e revelou, assim, um ex-combatente descrente quanto aos encaminhamentos da guerra e que acreditava que soluções negociadas poderiam evitar tamanho sofrimento (De Araújo, 2012, p. 142).

Uma análise conjuntural da realidade brasileira à época da publicação dessas reminiscências permite que alguns comentários sejam traçados. Em relação ao quesito espaço temporal, é importante ressaltar que, mais de trinta anos após o término dos combates, o foco não eram mais os acontecimentos da Grande Guerra, e sim as suas consequências. Já em relação aos

questos visão cultural e experiência de vida do leitor, vale lembrar que este não era um destinatário em específico, se não a sociedade brasileira como um todo. Então, essas consequências (descritas no parágrafo acima) eram parte do cotidiano do leitor. Além disso, a mudança da conjuntura política nacional (também descrita acima) alimentava um sentido de questionamento das ações governamentais do passado. Portanto, com base na tríade espaço temporal, visão cultural e experiência de vida do leitor, advinda da estética da recepção, as *Reminiscências da Guerra do Paraguai* revelaram uma visão pessimista da Grande Guerra, não deixando de exaltar alguns grandes heróis, mas alimentando, sobretudo, um sentimento de incompetência por parte do alto generalato que conduziu as Forças Aliadas e poderia ter feito diferente, poupando o País de grandes perdas materiais e humanas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo-se realizado, anteriormente, o referencial teórico, que, além de ter situado ambas obras no espaço-tempo, pautou a conceituação da estética da recepção, e o desenvolvimento dessa pesquisa, que tratou de analisar criticamente os relatos e traçar o paralelo entre os seus conteúdos e as suas interpretações mediante o ponto de vista primordial do leitor, hão de ser delineadas as considerações finais.

Em relação à análise de significado da Grande Guerra que cada relato trouxe ao seu leitor, embasado pela teoria da estética da recepção, pôde-se concluir que ambas não deixaram de exaltar as grandes vitórias e os grandes heróis nacionais. No entanto, *A Retirada da Laguna* revelou uma guerra extremamente sangrenta, mas que era necessária em prol de um bem maior, não questionando a ação da alta cúpula de comandantes da Grande do Paraguai no sentido de um desfecho menos penoso. As *Reminiscências da Guerra do Paraguai*, ao contrário, revelaram uma guerra que poderia ter tomado rumos alternativos, mas pela ação inapropriada do comando aliado, isso não foi possível.

Essa pesquisa termina, por fim, de maneira a ressaltar que, a despeito de qualquer interpretação dada à leitura desses relatos, foram eles que, de verdade, trouxeram o conhecimento do que foi a Guerra do Paraguai à sociedade brasileira do passado e do presente. Seus autores Alfredo Taunay e Artur Jaceguai eternizaram seus legados de coragem, que até hoje nos servem de inspiração.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Gabriel Barbosa da Silva. **Obras primas de nossa literatura militar: expectativas e recepções às narrativas de guerra de Alfredo Taunay e Euclides da Cunha**. 2022. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2022.
- DE ARAÚJO, Tiago Gomes. **A identidade nacional brasileira na Guerra do Paraguai (1864-1870)**. 2012. Dissertação (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- DE ARAÚJO, T. G. Três literatos e um conflito: a Guerra do Paraguai (1865-1870) sob os olhares de Machado de Assis, Visconde de Taunay e Pereira da Silva. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 26., 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH, 2011. p. 1-17.
- DE LIMA, Cleane da Silva; DE LIMA, Luzimar Silva. Estética da Recepção: o conhecimento de mundo do leitor para a significação do texto literário. **Littera Online**, São Luís, n.18, 2019.
- DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra. Nova história da Guerra do Paraguai**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. -4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.
- JACEGUAI, Artur. **Reminiscências da Guerra do Paraguai**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011.
- MARCHESIN, Rafael Pessolato. **Os grupos populares e as representações nacionais em narrativas sobre a Guerra do Paraguai**. 2011. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- MOREIRA, Luís Felipe Viel. A Guerra do Paraguai. Memórias e experiências de oficiais da Marinha Brasileira do Império à República Positivista. **Revista Electrónica de Historia**, San José, n.20, 2019.
- MOSTAÇO, Edécio. Uma incursão pela estética da recepção. **Sala Preta**, São Paulo, v. 8, p. 63-70, 2008.
- MOTA, Artur Silveira da. **Reminiscências da Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1982.
- ROSTY, Cláudio Skora. Batalha de Tuiuti: Morte do herói de Tamboril. **Revista do Exército Brasileiro**, v. 153, n. 1, p. 11-22, 2017.
- SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- SILVA, Antonio Marcos Dutra da. **Visconde de Taunay**. Penápolis: Ed. Funepe, 2019.

SILVA, Fábio Luís Veloso da. **A conexão entre a memória e a guerra: A Retirada da Laguna**. 2021. Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso) - Curso de Formação de Oficiais Aviadores, Academia da Força Aérea, Pirassununga, 2021.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **A Retirada da Laguna**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle, Visconde de. **Memórias**. São Paulo: Iluminuras, 2005.